

## ALGUNS OLHARES SOBRE A MORTE EM *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*

Maurício Cesar Menon  
Departamento de Letras  
UNIPAR, Marechal Cândido Rondon - Paraná

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo analisar a construção da morte na obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* (Machado de Assis), procurando demonstrar de que forma o escritor utiliza sua fina ironia e seu sarcasmo ao tratar do tema. Revelam-se vários aspectos do comportamento humano que, segundo a ótica do autor, explicam como as pessoas agem sempre movidas por interesses de natureza diversa.

**Palavras-chave:** Morte; comportamento humano; ironia

**Abstract:** This study analyzes the construction of death in Machado de Assis's *Memórias póstumas de Brás Cubas*, so as to demonstrate how the writer uses his elegant irony and his sarcasm to develop the theme. Various aspects of human behavior are revealed, which according to the author's point of view, explain how people are always moved to action by interests of several kinds.

**Key words:** Death; human behavior; irony

Machado de Assis constitui, na galeria dos escritores, um dos melhores exemplos da alta expressão literária do Brasil. Intelectual arguto, sensível e crítico, apresenta em suas obras um olhar minucioso sobre o psicológico e o social do homem de sua época. Certos temas e motivos, idealizados na concepção romântica, foram desnudados e vergastados por Machado, que nunca dispensou a fina ironia para fazê-lo.

Dentre os muitos temas trabalhados pelo escritor, pode-se destacar o da **morte** pela forma diferenciada como é tratado. Essa forma cria uma antítese em relação à

maneira como esse tema foi abordado no Romantismo, que se ocupou disso com uma pujança lírica, sôfrega, angustiada, religiosa e, deveras, sentimental.

Tentar conceituar a morte constitui um trabalho praticamente impossível, uma vez que os argumentos a respeito dela limitam-se a hipóteses que, fora do campo biológico, não podem ser provadas. O que se torna possível, então, é observar de que maneira ela afeta a vida, o que pode ser gerado por meio dela, qual o comportamento do homem face a esse mistério no decorrer das épocas. Enfim, quanto mais se estuda sobre a morte, mais se compreende a vida. Jorge (1964, XVI), no prefácio de seu livro, tece o seguinte comentário: “A vida e a morte, a morte e a vida... quem poderá separá-las? Quem poderá isolar os mortos dos vivos, se estes são dirigidos por aqueles (...)”.

Machado de Assis, ao publicar *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), revoluciona a concepção de romance no Brasil. São diversos os pontos que podem ser discutidos dentro dessa obra, muitos deles já feitos por críticos de renome. Tornam-se, porém, interessantes alguns olhares sobre a morte neste romance, uma vez que ela já se faz presente desde o título e a maneira como vem trabalhada desconstrói a imagem romântica apregoada até então.

Em primeira instância, para Brás Cubas, a morte faz dele o escritor de suas próprias memórias, uma vez que se auto intitula um defunto autor, privilegiado pelo fato de não fazer mais parte desta vida, eximindo-se assim de quaisquer responsabilidades sobre aquilo que escreve, não temendo sofrer punições ou repreensões, pois já não existe nenhum compromisso ou vínculo a esta existência. Além disso, o personagem, enquanto escritor, não tem pressa alguma em narrar, tendo toda a eternidade pela frente, no entanto o leitor encontra-se do outro lado da escrita, preso ao tempo e às regras de convivência social.

Em relação ao espaço em que se encontra o narrador, a única idéia formada a respeito é a do “além”, a “do outro mundo”, desfazendo todas as expectativas sobre a existência de um céu, de um inferno ou de um purgatório, como sempre o difundiu a igreja. Sendo assim, apaga-se a noção do castigo ou a do prêmio eterno. A esse respeito assinala Bloom: “Toda a narrativa é escrita a partir da perspectiva da eternidade, sobre a qual Machado de Assis nada nos diz, sugerindo, por conseguinte, nada haver a relatar (...) Machado permanece além das crenças...” (2003, p. 689).

A dedicatória do livro, endereçada “ao verme” que rói as carnes do cadáver, constitui uma imagem, sem dúvida, de uma acidez inacreditável; tal imagem já fora vista, de certa forma, em alguns poetas românticos, como Junqueira Freire sendo retomada, mais tarde, em Augusto dos Anjos, que a leva às últimas conseqüências. Machado foge às dedicatórias românticas, algumas vezes feitas em homenagem a pessoas ilustres ou da família, e abre seu livro com uma das cenas mais temerárias para o ser humano no que diz respeito à morte – a putrefação do cadáver. Vale dizer que isso já era familiar a poetas europeus dos séculos XV e XVI.

Os poetas tomam consciência da presença universal da corrupção. Ela está nos cadáveres mas também no decurso da vida, nas ‘obras naturais’. Os vermes

que comem os cadáveres não vêm da terra, mas do interior do corpo, de seus 'licores' naturais (...) A decomposição é o sinal do fracasso do homem, e neste ponto reside, sem dúvida, o sentido do macabro, que faz desse fracasso um fenômeno novo e original (ARIÈS, 2003, p. 56).

Esta idéia, biológica em sua essência, constitui uma das poucas certezas que se tem sobre a morte, e causa um impacto no homem, uma vez que este, consciente ou inconscientemente, não consegue admitir a idéia da própria decomposição. No caso de Brás Cubas ela também se liga à própria idéia da trajetória do protagonista – o fracasso, a inutilidade de um ser que não passa pela vida, mas sim deixa a vida passar por ele.

A imagem do corpo decomposto de Brás Cubas, evocada já na dedicatória, sintetiza, então, todo o viver insípido da personagem, que será mostrado a partir dali. Machado fere, dessa forma, seu leitor já na primeira página do livro, trazendo à superfície uma imagem difícil de se aceitar, enaltecendo-a, uma vez que o narrador dedica à corrupção, de forma genérica, seu livro.

A narrativa, em si, inicia-se pelo óbito do autor, contrariando o convencional que seria começar pelo nascimento. Já neste primeiro capítulo nota-se a desconstrução do discurso romântico sobre a morte, pelo narrador cético e impassível; tal fato se dá quando Brás Cubas relata sobre os onze amigos que foram ao enterro, levantando-se um dentre os demais para proferir o seguinte discurso:

–‘Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado (ASSIS, 1984, p. 13).

Observe-se o tom grandiloquente, encomiástico e laudatório, típico do elogio fúnebre – há uma necessidade em se louvar o morto, mesmo este não merecendo, para que a sociedade preserve a boa memória a respeito dele. Neste caso, em específico, o personagem que discursa recupera o ideário romântico de que a natureza é cúmplice da situação em que se encontram certos personagens. Morre Brás Cubas, portanto ela chora e se ressente da perda “irreparável” da ilustre personalidade.

O narrador, sarcástico, anula essa idéia e a deixa cômica primeiramente ao contabilizar o número de pessoas que estavam no enterro – apenas onze amigos; ora, imagina-se que se alguém é tão ilustre, em seu enterro deveria haver um número expressivo de pessoas. Em segundo lugar, logo após o amigo proferir o tal discurso, Brás Cubas pondera o seguinte: “Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei” (ASSIS, 1984, p. 13). A relação da amizade sincera é destruída por esse comentário que deixa entrever que tudo na vida, mesmo nos momentos mais delicados, não passa de um jogo de favores em que prevalecem os interesses pessoais de cada um.

Uma cena de caráter semelhante ocorre no capítulo CXXVI, intitulado *Desconsolação*. Aqui, Damasceno demonstra o estado abalado em que se encontra depois da morte da filha Eulália, ele diz estar assim porque “... a dor grande com que Deus o castigara fora ainda aumentada com a que lhe infligiram os homens” (1984, p. 125). Alguns dias depois confessa a Brás Cubas a sua frustração, porque no enterro da filha só haviam comparecido doze pessoas, e ele fizera expedir oitenta convites. O personagem Cotrim tenta amenizar a situação dizendo: “– Vieram os que deveras se interessam por você e por nós. Os oitenta viriam por formalidade, falariam da inércia do governo, das panacéias dos boticários, do preço das casas, ou uns dos outros...” (1984, p. 125).

Percebe-se que a análise da situação feita por Cotrim é verdadeira, ele tenta demonstrar que, nesse caso, vale a essência e a sinceridade das poucas pessoas que estiveram no enterro, no entanto Damasceno abana a cabeça e diz preferir que viessem também os outros. O que vale, portanto, é a aparência, pois é isso que a sociedade enxerga e valoriza, é a celebração do espetáculo. Sendo assim, conclui-se que, mesmo nas relações mais íntimas, o sentimento puro e real pode ser trespassado por algum tipo de atitude que o subjuga.

Os vínculos familiares de amor, respeito e renúncia pessoal são, no decorrer da obra, progressivamente anulados. Ao narrar a morte do próprio pai, Brás Cubas o faz num breve capítulo intitulado *Notas* – há uma pressa e até um pouco caso em se descrever o cerimonial, acrescentando-se a tudo isso a consideração do narrador: “Isto que parece um simples inventário, eram notas que eu havia tomado para um capítulo triste e vulgar que não escrevo” (1984, p. 62).

Logo após esse breve capítulo, porém, aparece um outro, com o triplo do tamanho, intitulado *A herança*. Apenas oito dias depois da morte do pai encontram-se numa sala o narrador, sua irmã Sabina e o marido desta – Cotrim; a conversa começa de forma despretensiosa, pois todos estão, como afirma o protagonista, de “Luto pesado. Profundo silêncio” (1984, p. 63). Paulatinamente, todavia, começam as discussões acerca da herança: quem ficaria com a casa, com os escravos, com a prataria; os sentimentos egoístas afloram-se e os três acabam discutindo seriamente, passando a não mais se falarem. A pretensa dor pela perda do pai é substituída pela ambição pessoal que se ergue altiva e dominante. Não é à toa que Brás Cubas gasta mais tempo em narrar essa situação, pois em toda a obra o que se percebe é o esvair-se das virtudes morais, portanto mais importante é a herança deixada por um ente querido que a perda deste.

Por fim vê-se ainda no livro o descaso com que Brás Cubas trata da morte de D. Plácida, sem padecimento algum. Ao ser avisado, via bilhete da parte de Virgília, de que D. Plácida estava à beira da morte e encontra-se abandonada no beco das Escadinhas, Brás Cubas pondera que:

“Tinha dado a D. Plácida cinco contos de réis; duvido muito que ninguém fosse mais generoso do que eu, nem tanto. Cinco contos! E que fizera deles?”

Naturalmente botou-os fora, comeu-os em grandes festas, e agora toca para a Misericórdia, e eu que a leve! Morre-se em qualquer parte” (1984, p. 135).

O desdém com que é tratada a personagem constitui um dos pontos altos do cinismo do narrador. O primeiro pensamento que ocorre a Brás Cubas é sobre o dinheiro – os cinco contos; posteriormente vem um julgamento a respeito do destino desse dinheiro – alguém como D. Plácida, pobre e patusca, só poderia mesmo ter desperdiçado o dinheiro com futilidades. A frase “... e agora toca para a Misericórdia, e eu que a leve!” é, propositadamente, ambígua. Em primeira instância lê-se que Brás Cubas a levaria para um hospital, contudo pode-se ler também que o personagem, nessa hora, teria que exercer de misericórdia para com a mulher. Nota-se o ar enfadonho e de contragosto com que ele se refere a esse respeito. Enfim a consideração final – morre-se em qualquer parte. Não é atribuído nenhum valor a essa mulher, trata-se dela como de uma indigente. No capítulo seguinte, todavia, Brás Cubas vê uma utilidade relativa em D. Plácida ter vindo ao mundo – a de acobertar os amores dele por Virgília. É assustadora a frieza com que se fala da personagem moribunda, extinguindo-se qualquer valor pelo ser humano.

O que se observa em tudo isso é a total desvalorização dos ideais românticos relativos à morte. Neles, a morte é sempre tratada pela ótica da emoção, do profundo senso religioso, do temor. Machado, todavia, adverte o leitor da época (e também os de hoje em dia) que esses são valores secundários, que valem apenas como um dos componentes da máscara social – utilizados para impressionar as pessoas; o que impera, mesmo nos momentos das mais intensas emoções, é o interesse vulgar pelo lucro e pelas aparências.

Quando Brás Cubas diz que suas memórias cheiram a sepulcro, a dimensão dessa palavra extrapola o próprio valor literal dela; o sepulcro, aqui, não é apenas pelo fato da obra ser póstuma, mas também por mostrar uma sociedade cujos valores encontram-se em estado de decomposição moral, degradados e carcomidos pelo verme do interesse. Ao se abrir um sepulcro, acha-se lá um cadáver – em decomposição ou totalmente decomposto; ao se abrirem as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, acha-se muito mais que o “cadáver” do protagonista, encontra-se, também, o “legado da nossa miséria” que Brás Cubas não assume sozinho, jogando, por meio do pronome **nossa**, o jugo dessa miséria sobre os ombros de todos aqueles que lêem o seu escrito.

## Referências bibliográficas

ALENCASTRO, L. F. (e outros). “Machado de Assis: um debate (conversa com Roberto Schwarz)”. In: **Novos Estudos**. CEBRAP. São Paulo, 29: 59-84, março de 1991.

ARIÈS, P. **História da morte no Ocidente**. Tradução: Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003

- ASSIS, M. de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ática, 1984.
- BARRETO FILHO. **Introdução a Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Agir, 1947.
- BOSI, A. **O enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 1999.
- BOSI, A. et alii. **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982.
- BLOOM, H. **Gênio**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- JORGE, S. **A estética da morte**. São Paulo: Saraiva, 1964.
- HILL, A. G. **A crise da diferença: uma leitura de *Memórias póstumas de Brás Cubas***. Rio de Janeiro: Catedral/INL, 1976.